

# ÁLVARO MARÍA A FILOSOFIA DO BITCOIN



*A EVOLUÇÃO do sistema monetário e garantia de propriedade contra leis abusivas, estados autoritários e instabilidades econômicas.*



**ÁLVARO MARÍA**

# A FILOSOFIA DO BITCOIN

*A EVOLUÇÃO do sistema monetário e garantia de propriedade contra  
leis abusivas, estados autoritários e instabilidades econômicas.*

TRADUÇÃO:

JULIANA COSTA TEIXEIRA





## PREFÁCIO

A publicação da primeira edição de *A filosofia do Bitcoin* em 2022 na Espanha chegou num momento que ainda havia dúvidas sobre a validade da moeda, algo que não existe mais. Naquele momento, um livro que falasse sobre a relevância política e histórica do Bitcoin poderia parecer apenas uma curiosidade literária. Agora, já é difícil pensar em um futuro que não se encontre atravessado por ela. Veremos a continuação da guerra entre os Estados no ciberespaço, na qual o Bitcoin será uma arma, tanto ofensiva quanto defensiva.

Recordar que o importante não é a tecnologia *blockchain*; que o Bitcoin tem uma natureza distinta das demais criptomoedas e criptoativos; ver que há alternativas políticas, não anarquistas, ao Estado; perceber sua relevância geopolítica e suas implicações para a defesa; seu interesse estratégico; e a relevância da mineração para o setor energético — são boa parte das mudanças que foram introduzidas hoje em dia. Falar menos de *trading* e de preços, e mais da redefinição do direito de propriedade. Falar menos de meio de pagamento revolucionário e mais dos fundamentos filosóficos e da função de transmitir valores ao longo do tempo. Sem dúvida, tudo isso não é por causa de *A filosofia do Bitcoin*, mas o livro foi, sim, capaz de canalizar tudo isso em um relato que permite ver o Bitcoin e o mundo com outros olhos.

Os *bitcoiners* do mundo possuem uma visão alternativa à dos bancos centrais e do sistema financeiro fiduciário. As *Bitcoin Conference* de todo o mundo serão as células embrionárias de novas realidades políticas.

Quanto mudou em pouco tempo!

*A filosofia do Bitcoin* tem como propósito destruir rígidas crenças vinculadas ao Estado e ao Dinheiro. Agora alcança novos leitores em todo o mundo com a missão de preparar o caminho para as Micrópolis.

O autor



# PRÓLOGO

“Nada mais prático do que uma boa teoria.”

Kurt Lewin

Este livro tem um duplo objetivo: provocar uma crise a respeito de duas crenças muito propagadas. A primeira, de que uma moeda que seja dinheiro deve ter o respaldo de uma autoridade. A segunda, de que “Estado” é um conceito que pode ser aplicado a qualquer sociedade política, sem que possamos pensar em formas políticas pós-estatais.

Sempre me pareceu que, no pensamento econômico, faltam mais filósofos. Sem dúvida, parece difícil compreender a necessidade dessa afirmação, ao fim e ao cabo, pois o filósofo que mais tratou de temas econômicos foi Marx, um homem que deixou uma série de contribuições brilhantes, dentre as quais a de jamais nos esquecermos de que a economia é sempre economia política, além de ter sido uma influência tão terrível no mundo a ponto de ninguém mais ousar dizer, após a experiência do século XX, que os filósofos devam se dedicar a fazer uma *filosofia da economia*. Contudo, a economia como disciplina carece de reflexões sobre as análises que realiza em seu campo. Essas reflexões costumam ser feitas sobre as análises econômicas são realizadas pelos próprios economistas, que raras vezes possuem formação em campos como política e filosofia; quando muito, possuem alguma formação jurídica, mas, em geral, tratam de aplicar as conclusões de suas análises

às sociedades políticas pensando que a economia é uma ciência — e algo que dependa tanto assim da política, como bem nos recordava Marx, dificilmente pode alcançar tal estatuto científico, pois, ao falarem da economia como ciência, os economistas fazem filosofia sem o saber, numa substituição desta em que apresentam sua visão de mundo com base nas conclusões das análises de seu campo.

Dediquei a maior parte de meu estudo à Teoria do Estado e à Filosofia do Direito; em segundo plano, tratei de estudar temas econômicos, em especial os monetários. Curiosamente, a conclusão de minhas análises é que nos encontramos ante a crise do Estado, uma crise inevitável, visto que as dinâmicas que o regem, seguindo seus princípios, tornam impossíveis tanto a reforma do Estado rumo a outras formas políticas como a oposição a ele, já que não deixam espaço para que se lhe oponha algum tipo de resistência. Além disso, os Estados não têm escrúpulos em atacar impiedosamente qualquer um que se atreva a desafiar-los, de modo a fazerem parecer que qualquer ataque contra eles está fadado ao fracasso, embora nos encontremos claramente ante uma forma esgotada de organização política da sociedade. Minha conclusão foi então de que a única forma de ação política contra o Estado era a *criptocrática*, aquela contra a qual o Estado nada pode fazer porque desconhece quem organiza o ataque em sua oposição. Porém, não me ocorria nenhuma forma de como isso poderia se desenrolar, eu nem sequer enxergava o espaço possível para o seu desenvolvimento. Pois bem, o ciberespaço é esse espaço, e o Bitcoin é sua melhor arma:

### **DECLARAÇÃO DE INDEPENDÊNCIA DO CIBERESPAÇO**

*“Governos do Mundo Industrial, vós, gigantes cansados de carne e aço, venho do ciberespaço, a nova casa da mente. Em nome do futuro, peço-vos no passado que nos deixeis em paz. Não sois bem-vindos entre nós. Tampouco*

*exercéis alguma soberania\* sobre o lugar onde nos reunimos. Não elegemos nenhum governo, nem pretendemos fazê-lo. É assim que me dirijo a vós, sem mais autoridade do que aquela com a qual a liberdade sempre fala.*

*Declaro que o espaço social global que estamos construindo independe por natureza das tiranias que estais buscando impor-nos. Não tendes nenhum direito moral a governar-nos, nem possuíis métodos que devamos temer verdadeiramente para fazer-nos cumprir vossa lei.*

*Os governos derivam seus justos poderes do consentimento dos que são governados. Não pedistes nem recebestes o nosso. Tampouco vos convidamos.*

*Não nos conheceis, nem conheceis nosso mundo. O ciberespaço não se encontra dentro de vossas fronteiras. Não penseis que podeis construí-lo, como se fosse um projeto público de construção. Não podeis. É um ato natural que cresce de nossas ações coletivas.*

*Não vos unistes à nossa grande conversação coletiva, nem criastes a riqueza de nossos mercados. Não conheceis a nossa cultura, nem a nossa ética, nem os códigos não escritos que já proporcionam à nossa sociedade mais ordem que a que poderia obter-se por qualquer de vossas imposições.*

*Proclamais que existem problemas entre nós que necessitais resolver. Utilizais este fato como uma desculpa para invadir nossos limites. Muitos desses problemas não existem. Onde existem verdadeiros conflitos, onde há erro, nós os identificaremos e resolveremos por nossos próprios meios. Estamos criando o nosso próprio contrato social. Essa autoridade se criará segundo as condições de nosso mundo, não do vosso. Nosso mundo é diferente. O ciberespaço é formado em si mesmo por transações, relações e pensamentos que se estendem como uma onda tranquila na rede de nossas comunicações. Nosso mundo está às vezes em toda parte, às vezes em parte alguma, mas não está onde vivem os corpos.*

*Estamos criando um mundo em que todos podem entrar, sem privilégios ou preconceitos de raça, poder econômico, força militar, ou local de nascimento. Estamos criando um mundo onde qualquer um, em qualquer lugar, pode expressar suas crenças, não importando quem o faça, sem medo de ser coagido ao silêncio ou ao conformismo.*

\* Todos os itálicos ao longo do texto são meus.

*Vossos conceitos legais sobre propriedade, expressão, identidade, movimento e contexto não se aplicam a nós. Baseiam-se na matéria.*

*Aqui não há matéria. Nossas identidades não possuem corpo, por isso, diferentemente de vós, não podemos obter ordem por meio de coação física.*

[...]

*Vossos próprios filhos vos atemorizam, já que são nativos de um mundo em que sempre sereis imigrantes. Como os temeis, confiais vossa burocracia às responsabilidades parentais que covardemente não podeis enfrentar. Em nosso mundo, todos os sentimentos e expressões da humanidade, dos mais vis aos mais angelicais, são parte de um todo único, a conversação global dos bits. Não podemos separar o ar que asfixia daquele sobre o qual batem as asas.*

*Devemos declarar nossos “eus” virtuais imunes à vossa soberania, ainda que continuemos consentindo com vosso poder sobre nossos corpos.*

*Difundir-nos-emos pelo planeta para que ninguém possa encarcerar nosso pensamento.*

*Criaremos uma civilização da mente no ciberespaço. Que seja mais humana e mais bela do que o mundo que vossos governos criaram antes.”*

*Davos, Suíça, em 8 de fevereiro de 1996, John Perry Barlow [1]*

*Madri, Espanha, em 16 de maio de 2021, Álvaro D. María*





# INTRODUÇÃO

“Crise” significa juízo, mas um juízo decisório (do verbo grego *krino*), revisório e seletivo, que implica um julgar de novo os critérios usuais, um juízo do juízo. O juízo usual constitui um estado de opinião, as estimações estabelecidas, as ideias em circulação. Os dois produtos fundamentais dessa estimativa usual, em circulação, são: por um lado, a moeda, e, por outro, a lei. Que tanto a moeda quanto a lei tenham sofrido em nossos dias uma inflação, uma desvalorização, enfim, um desprestígio, é um fato que está à vista. Convém, todavia, não esquecer que a crise da moeda e a crise da lei não são mais que os dois aspectos evidenciais de um mesmo fenômeno: *a crise radical do mundo moderno*. Daí a gravidade e atualidade do tema.

*Os romanistas ante a atual crise da lei, Álvaro d’Ors*

O que se qualifica de “habitual” geralmente é constituído por aquelas crenças que estão no ambiente em que nos desenvolvemos. Essas crenças fazem parte de nós de uma forma íntima e, às vezes, comunitária, estando aí sem que tenhamos consciência delas. Nós as assimilamos por osmose de nossa circunstância histórica, e elas nos são tão evidentes que não admitimos um pensamento distinto nem qualquer ocorrência que lhes seja oposta. Elas nos constituem como sujeitos, porque nos sustentam. É a partir delas que interpretamos a realidade e, como bem ensina Ortega, são de uma natureza distinta das ideias.

Em certas ocasiões, aparecem determinados obstáculos em nossa vida que não somos capazes de remover com as crenças que nos sustentam, e necessitamos então de uma nova ferramenta para conseguir afastar o problema que nos incomoda. Quando nossas crenças se mostram insuficientes para dar uma resposta, elas recuperam seu caráter de *ideias históricas*, mas, como as crenças são o solo sobre o qual pisamos, nos encontramos como em um abismo, como se um terremoto tivesse aberto uma cratera bem abaixo de nossos pés, e então nos descobrimos em dúvida, como se não estivéssemos em terra firme, mas em mar aberto, após um naufrágio. Isso é uma crise, e é justamente aí que se deve fazer um juízo sobre os novos acontecimentos e decidir por qual caminho prosseguir no curso da história.

Pois bem, duas crenças estão entrando em crise e nos conclama a decidir por onde continuar. Essas crenças são a de que uma moeda que seja dinheiro deve necessariamente ter o respaldo de uma autoridade e de que “Estado” é um conceito que se pode aplicar a qualquer sociedade política, sem que se possa pensar em formas políticas pós-estatais. Com isso, a crise do Estado e da moeda atual.

Em nossos dias, ao menos no mundo ocidental, olha-se com desprezo para as épocas anteriores, com suas guerras, fomes, hiperinflações e pandemias, como tempos em que a humanidade ainda era menor de idade, pouco democrática e científica. Contudo, a covid-19, o rearmamento generalizado, os desequilíbrios demográficos, as expansões monetárias e as escaladas de pequenos conflitos começam a gerar certo nervosismo.

*Tampouco se cria em recaídas na barbárie, por exemplo, guerras entre povos da Europa, como em bruxas e fantasmas; nossos pais estavam plenamente imbuídos da confiança na força infalivelmente aglutinadora da tolerância e da conciliação [...] Mas nós, homens de hoje, há tempos excluímos de nosso vocabulário a palavra “segurança”, como um fantasma, restando-nos facilmente a rendição à ilusão otimista daquela geração [...] aprendemos a não nos surpreender ante qualquer novo broto de bestialidade coletiva, nós, que todos os dias esperávamos uma atrocidade pior que a*

*do dia anterior, somos muito mais céticos no que tange à possibilidade de educar moralmente o homem. Tivemos de dar razão a Freud quando afirmava ver em nossa cultura e civilização tão somente uma capa muito fina que a qualquer momento poderia ser perfurada pelas forças destruidoras do inferno [...] Aquele mundo de segurança foi um castelo de cartas. No entanto, meus pais viveram nele como em uma casa de pedras [2]. (O mundo de ontem, Stefan Zweig)*



**PARTE I**

**OS PRINCÍPIOS  
FILOSÓFICOS  
DO BITCOIN**



## CAPÍTULO 1

# Filosofia do dinheiro

“Não há melhor remédio do que reconhecer que as opiniões acerca do dinheiro são mais difíceis de descrever do que a quantidade de nuvens deformadas pelo vento.”

*História da análise econômica, Schumpeter*

Não há dúvida de que o dinheiro é fundamental em nosso mundo. Não digo que seja o elemento mais importante, mas simplesmente que atravessa nossa vida e grande parte de nossas ações cotidianas. Ele controla e move vontades como poucas coisas, mas o que ele é? Dinheiro e moeda são a mesma coisa? Que diferenças há entre um e outro?

Ao tratar desses temas, em geral, há certa confusão nos termos. Nós nos movemos com base em uma crença ou preconceção do que sejam o dinheiro e a moeda. Utilizamos-nos deles todos os dias, mas como não podemos saber o que são? Ambos são dados como fatos, mas raramente nos é explicado ou se desenvolve uma teoria a respeito. Além disso, no uso comum, os termos “dinheiro” e “moeda” são empregados sem distinção, de modo intercambiável. E, de fato, de alguma forma, moeda e dinheiro são como corpo e alma, matéria e forma um do outro. Quando unidos, podem ser caracterizados como circulantes, assim como o corpo unido à alma é um corpo vivente ou animado; e quando o dinheiro abandona seu corpo, seu substrato material, que é a moeda, esta passa a ser objeto de estudo não mais da economia, mas da numismática.

Entende-se muito melhor o que o dinheiro é se o víssemos como um adjetivo de determinadas mercadorias, em vez de como um substantivo. É certo que essas mercadorias consideradas dinheiro possuem determinadas qualidades distintas das outras: em geral, não são consumíveis, são divisíveis, escassas, transportáveis, facilmente vendáveis — possuem muita liquidez —, são armazenáveis, fungíveis, devem facilitar a quantificação e a contagem, devem ser difíceis de manipular, fáceis de verificar e que não se deteriorem com o passar do tempo. Todas essas qualidades são as que permitem que tais mercadorias sejam utilizadas como um *meio de troca*, que sejam consideradas *bom dinheiro*. Sem dúvida, o dinheiro é uma mercadoria cujo principal valor é facilitar as trocas, os intercâmbios comerciais, que é uma função essencial sua, visto que reduz os custos do comércio, e por isso é tão fundamental nas sociedades.

No imaginário social, o dinheiro tem certa peculiaridade que o torna único: ele é um produto social vilipendiado, desprezado na vida pública, e, no entanto, não há outro produto social que se busque e deseje tanto quanto o dinheiro. Não tem sido pouca a tinta que se tem gastado para assinalá-lo como o culpado de muitos dos males humanos, e, apesar de tudo, ele parece continuar tendo o mesmo grau de importância que sempre teve, seguindo seu curso e sabendo-se vital na sociedade. Embora seja objeto de todo tipo de críticas, sua existência nunca foi seriamente questionada. Tem-se falado da morte de Deus, da morte da democracia, do fim da arte, da morte da filosofia, da decadência da civilização; mas o dinheiro segue impávido, sendo sistematicamente insultado por seu poder, influência e capacidade de sedução; mas ainda assim, imprescindível para a vida em sociedade.

Atribui-se a ele o fomento do individualismo ao desatar os laços sociais, quando ele é precisamente o produto mais social de todos. Se fazemos esta pergunta a alguém: “O que você levaria para uma ilha deserta se apenas pudesse levar três coisas?”, ninguém dirá que levaria dinheiro. O dinheiro atua na prática como um registro das relações de intercâmbio social, das relações com outros, refletindo o valor da troca realizada em um determinado momento.

Sem dúvida, o dinheiro tem motivos — não digo que justificados, mas sim emocionais — para ser insultado, especialmente à medida que abarca cada vez mais relações sociais. O dinheiro explicita e traz à tona os interesses das relações sociais. Contra o que costuma se dizer, o dinheiro não corrompe, tal como o faz o poder, mas delata. Vincula muitas relações sociais ao cálculo econômico, e isso é um problema para a vida comunitária, em especial para os laços sociais, visto que estão tecidos pelo *sagrado*, pelos usos e costumes, por relações de consentimento tácito; e tudo isso se considera com frequência de valor incalculável. Por isso se considera que o dinheiro *dessacraliza*, motivo pelo qual é objeto de todo tipo de críticas. Veremos brevemente sua evolução através da moeda.



## CAPÍTULO 2

# Filosofia da moeda

Em todos os países do mundo, a avareza e a injustiça dos príncipes dos Estados soberanos, abusando da confiança de seus súditos, têm diminuído gradativamente a quantidade verdadeira do metal que primitivamente suas moedas continha.

*A riqueza das nações, Adam Smith*

Em geral, ao falar da origem do dinheiro, costuma-se fazer referência ao sistema de trocas (escambo)\*; no entanto, não há evidências históricas de que isso tenha de fato acontecido, ao menos não no contexto do que podemos considerar como comércio. Antes do desenvolvimento da moeda, costumava-se utilizar certas mercadorias, mais ou menos

\* Luis Carlos Martín Jiménez explica-o assim: “Permuta ou escambo, entendido como mera troca, está ao nível da pilhagem sistemática, ou do roubo intertribal de bens ou mulheres. É impossível que os mercados de troca sejam o fator ‘natural’ que deu origem à moeda como ‘brilhante solução alcançada pelos homens para facilitar suas transações’. Na verdade, a troca mercantil nunca existiu como um modo ‘natural’ de comércio. Essas trocas não são deficitárias, ou têm problemas de quantificação. Não há precedentes antropológicos que afirmem que a troca econômica existia em qualquer sociedade humana. Se olharmos para a Grécia antes da moeda, e vírmos como o comércio era explicado, encontraremos a história em que Heródoto narra o desembarque de mercadorias nas praias por onde passavam os fenícios, que voltam ao navio esperando a reciprocidade das tribos com outros bens que serão recolhidos caso gostem ou satisfaçam o que se espera. É o que se chamava ‘comércio silencioso’[3]”.



homogêneas, como conchas, metais, prata, ouro e outras, às quais se atribuíam certas qualidades mágicas ou sagradas, visto que a riqueza costumava se relacionar à manifestação de *poder e autoridade*.

Pois bem, a moeda, para aparecer como tal no curso da história, precisou do desenvolvimento e convergência de certas técnicas junto com a validação de uma autoridade política. Seguindo Parise, sua origem não estaria na Lídia, como geralmente se diz, dado que o que surge nesse local são metais com legendas, marcas ou signos de equivalência: “A moeda tem uma forma funcional de existência distinta da do metal pesado”, visto que a transição de uma barra de metal marcada para uma moeda propriamente dita, respaldada por uma autoridade política, não se encontrava ali materializada: “Com a impressão, a moeda se torna uma medida oficial do valor e um meio de compra garantido [4]”.

Essa convergência histórica das diversas técnicas, que coincidem simultaneamente, formam-se com clareza na Grécia antiga. O desenvolvimento da metalurgia e da fundição do ferro foi o que permitiu a cunhagem de unidades monetárias mais homogêneas. A balança permitiu realizar a proporção entre as diferentes moedas entre si e inferir-lhes uma lei — validar sua pureza —, bem como aferir os pesos dos produtos e sua relação com essas moedas (nos dias de hoje, seguimos pesando uma grande maioria de produtos para verificar quanto devemos pagar). Outra inovação que aparece claramente desenvolvida naquela época é a linguagem alfabética, que permitiu marcar as moedas de tal modo que era a autoridade política quem lhes conferia validade, reduzindo assim os custos do comércio, já que evitava ter de comprovar a cada transação a pureza e veracidade das moedas entregues. O desenvolvimento da metalurgia, da balança e da linguagem alfabética, no seio da polis, são as três técnicas que permitiram o salto tecnológico e a revolução das moedas no curso da história econômica. A Grécia coloca no centro da vida social a Ágora, o mercado, e os frutos daquela civilização foram colhidos e conhecidos por todos até os dias de hoje.

É característico de toda técnica seu caráter destrutivo sobre aquilo que vem a substituir, e tal destruição é proporcional ao nível de inovação que apresentam as referidas técnicas — pergunte-se aos luditas —, e a

primeira coisa que essas moedas fizeram foi acabar com todas as outras mercadorias que se empregavam antes como meios de troca nas transações comerciais, precisamente aquelas que tinham caráter mágico ou sagrado. É possível notar que o caráter dessacralizador — de secularização — do dinheiro se encontra presente desde sua origem.

Assim, o novo dinheiro que aparece na Grécia, a moeda, é mais divisível, mais quantificável, mais formal, mais abstrato: atributos que permitem medir e ajustar com maior precisão o valor das mercadorias, facilitando e incrementando o comércio. Impõe-se sobre os demais meios de troca por conta dessas qualidades e por ser emitida pelo poder público, de modo que não é parcial, visto que esse poder não é o de um particular frente a outro, mas o da própria sociedade, representada pelo Estado ou pela autoridade política — enfim, pelo poder público —, frente a todos os indivíduos particularmente considerados. Assim, todos poderiam utilizá-la de igual modo, e, por essa razão, consegue se difundir facilmente por todo o território abarcado pela jurisdição estatal.

Assim como as línguas, a moedas têm acompanhado as comunidades políticas e tido presença cada vez maior conforme o poder e a extensão das comunidades políticas vão se expandindo, especialmente nos impérios. Desde o tetradracma da época de Alexandre, o Grande, até o dólar como papel-moeda nos Estados Unidos, a moeda do império dominante tem sido a de maior influência. A competição entre as diferentes potências políticas e suas respectivas moedas é parte essencial da economia política. Uma economia cuja politicidade está estabelecida para que a maioria das trocas comerciais se dê entre territórios, os quais estão sempre sob algum tipo de governo, que de algum modo interfere no comércio, mesmo que apenas a pretexto de protegê-lo, está atravessada pela decisão política. E, historicamente, os governos impuseram de modo coercivo suas moedas, detendo sua propriedade e as emitindo em seus territórios — sobretudo pela necessidade de arrecadar tributos e remunerar exércitos.

Hoje em dia, o campo da economia política alcançou uma escala global, tanto a nível produtivo quanto financeiro. Porém, as moedas ainda são predominantemente estatais (ou pertencentes a grupamentos estatais, como o euro) e seguem contando com a impressão da autoridade

política — e cremos ser inevitável que assim seja. Mas por acaso não houve nenhuma inovação monetária nos últimos dois mil anos?

Ora, assim como na Grécia, ocorreu em nosso tempo uma série de circunstâncias vinculadas ao desenvolvimento de novas tecnologias que, pela primeira vez permitiram, na história monetária, uma série de inovações muito significativas: (1) não depender de um terceiro para a emissão de uma moeda; (2) permitir o acesso a qualquer pessoa que assim deseje e disponha de internet; (3) desenhar uma moeda digital com muito boas qualidades monetárias; (4) fazer um registro público universal e imutável das transações; e (5) muitas outras novidades que desenvolverei nos capítulos seguintes. A internet, a globalização, a informática e as telecomunicações — enfim, o ciberespaço, permitiu o desenvolvimento do Bitcoin; e como é inerente à inovação tecnológica a destruição daquilo que ela substitui, tais inovações devem ter um caráter destrutivo proporcional a sua magnitude.